

ROMANCE

Vencedor do *NORDIC COUNCIL LITERATURE PRIZE*

Sjón

A Raposa Azul

«A raposa azul é um romance mágico.» Björk

cavalo de ferro

COLECCÃO GENTE INDEPENDENTE

1

Sjón nasceu em Reiquiavique em 1962. É autor de livros de poesia, romances, peças teatrais e livros infantis. Recebeu numerosos prémios literários incluindo o importante *Nordic Council Literature Prize* – o equivalente nórdico do *Man Booker Prize* – com «A raposa azul», e foi nomeado para um Óscar pela letra da banda sonora do filme *Dancer in the Dark* de Lars Von Trier. Os seus livros estão traduzidos, com bastante sucesso de crítica e de público, em 15 idiomas.

**«A raposa azul é um exemplo maravilhoso de arte literária...
algo de uma beleza cristalina rara de encontrar»**

De Telegraaf, Holanda

**«Uma pequena novela que explora uma enormidade
de temas com uma linguagem que seduz o leitor da primeira
à última palavra»** *De Volkskrant, Holanda*

«É um grande belo romance!» *Die Zeit, Alemanha*

«Intenso e límpido, tal como o inverno islandês»
Journal Frankfurt, Alemanha

«Uma inesquecível comédia humana num cenário de gelo»
Le Temps, França

«Intenso e mágico» *Le Monde, França*

**«Peguem no livro, deem-se ao comprido e simplesmente
deixem-se flutuar... uma saga encantadoramente bela.»**
Expressen, Suécia

**«Sjón provou com este livro que a literatura
pode narrar a maior das verdades e a beleza mais selvagem
com a mais poética e contida das expressões.»**
Berlingske Tidende, Dinamarca

SJÓN
A RAPOSA AZUL

Tradução
Maria João Freire de Andrade



cavalo de ferro

Título original: «Skugga-Baldur»

© Sjón, 2003

Published by agreement with Licht & Burr Literary Agency

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em território português

Paginação: Finepaper

1.ª Edição, Fevereiro de 2010

ISBN: 978-989-623-111-8

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

ÍNDICE

I - (9-11 de Janeiro de 1883).....	9
II - (8-9 de Janeiro de 1883)	43
III - (11-17 de Janeiro de 1883)	83
IV - (23 de Março de 1883).....	109

I
(9-11 DE JANEIRO DE 1883)

As raposas azuis são tão curiosamente semelhantes a pedras que isso é motivo de maravilhamento. No Inverno, quando se deitam ao seu lado não existe qualquer possibilidade de as distinguir das rochas: na verdade, são muito mais astutas do que as raposas brancas, que lançam sempre uma sombra ou parecem amareladas contra a neve.

Uma raposa azul deita-se muito perto de uma pedra, e deixa que a neve que sopra de barlavento se acumule sobre ela. Vira as costas à intempérie, enrola-se e enfia o focinho debaixo da coxa, baixa as pálpebras até restar apenas o mais ténue dos vestígios de uma pupila. E assim mantém um olho atento sobre o homem que não se moveu desde que se abrigou sob um banco de neve saliente, ali nas vertentes superiores do Asheimar, há cerca de dezoito horas. A neve caiu sobre ele, até o homem se assemelhar apenas aos restos de um muro arruinado.

O animal tem de tentar não se esquecer que o homem é um caçador.

Ele iniciou a sua perseguição muito para sul, em Botn. O céu estava translúcido e o primeiro rubor do dia surgia por entre a escuridão do Inverno. O homem desceu furtivamente os campos vizinhos, depois começou a dirigir-se para norte sobre o Asar até Litla-Bjarg, onde ainda não nevava.

Ali chegado, captou um movimento no cume do monte. Enfiou a mão no interior do casaco, tirou um binóculo, estendeu-o e aproximou-o do olho bom:

Sim, não havia qualquer engano!

Ali estava uma filha de Reynard em movimento.

Ela parecia despreocupadamente inconsciente de qualquer perigo. Todos os seus movimentos indicavam que procurava alguma coisa para comer. Tratava dos seus assuntos sem pressas, concentrada naquele único objectivo.

O homem olhou-a com maior atenção.

Focou os seus pensamentos nela, a tentar entrever algum indício do que ela tencionava fazer, por que caminho seguiria quando acabasse de farejar o cume. De repente, o animal desatou a correr; o homem não percebeu porquê. O seu comportamento demonstrava que ela sentira uma enorme ameaça. No entanto, não podia ter a mais pequena das suspeitas quanto ao homem — por meios normais.

Devia ter tido uma premonição das intenções dele:

É um homem com a caça na mente.

O homem subiu o monte. Tentou manter a imagem da raposa na mente, de modo a voltar a encontrá-la com maior facilidade: *Ela roda pela neve dura e compacta como um pão.*

No cume, olhou em volta à procura de rastos da raposa. Com o polegar e o indicador, mediu uma das pegadas; parecia ser um animal de considerável tamanho. No floco de neve que se lhe agarrou à ponta do dedo, colava-se um pêlo cintilante — era impossível confundir a cor: azul.

Faixas verticais de nuvens a oeste.

Talvez uma tempestade a caminho.

A raposa não se via em lado algum.

O rasto era nítido, estendia-se tão longe quanto o olhar alcançava.

O homem avançava, enérgico, o vento nas costas. Agora não interessava muito se a raposa lhe sentisse o cheiro; sabia que ele estava atrás dela.

Ele parava de vez em quando para olhar em volta, usando o mesmo método que usara antes. Concentrou todos os seus pensamentos no único objectivo de tentar descobrir por que caminho a raposa iria fugir e até onde ele se poderia aproximar.

A raposa está a dirigir-se para norte, sobre a planície. Vai virar bruscamente para leste quando os leitos de cascalho do Melar estiverem à sua frente, nada para além de pedras; um esconderijo perfeito para uma raposa azul.

Estaria ela demasiado absorta para ter cuidado? Teria ela entregue toda a sua mente ao perigo — deixando assim que ele lhe penetrasse os pensamentos? Não lhe teria prestado atenção nem o estaria a tentar manter à distância?

Teria o homem recebido uma mensagem telepática da raposa?

Na planície pedregosa, o ar estava imóvel e a gelar fortemente; apenas a mais ligeira das brisas lhe tocava a face. O homem viu um montículo azul, ao longe, para norte. Manteve-se imóvel. Passado um bocado, o montículo começou a mover-se. E pouco depois disso uma raposa azul ergueu-se entre as pedras.

Ah, ali está ela!

Uma criatura rara. Escura como a terra para a qual se olha, pêlo grosso e cauda peluda, claramente assustadiça. O animal afastou-se em saltos bruscos, rígidos.

O homem desatou a correr.

Tal como desconfiara, a raposa dirigiu-se directamente à neve que soprava. No instante exacto em que o nevão a engoliu, parou e olhou para trás, para o homem.

Depois voltou a afastar-se a toda a velocidade.

Ouviu-se um gemido no ar.

Uma perdiz-nival passou a correr, a um passo de distância do homem, empurrada pelo vento. Foi seguida por um falcão, que voava alto com batidas de asa seguras e firmes.

O homem virou costas às rajadas, apertou o cachecol e enrolou a alça que lhe pendia do ombro três vezes à volta do braço direito, de modo que o saco repousasse mais perto da anca.

Não estava demasiado atrasado para a tempestade.

O homem arrastou-se pelo negrume impenetrável.

A princípio tinha solo pedregoso debaixo dos pés e a caminhada não era muito difícil, mas passado pouco a neve endureceu; as condições pioraram.

Teve de confiar na sua linha de pensamento:

A raposa pode ser infantilmente tímida em relação à intempérie. Vai escavar um buraco na neve ou enfiar-se profundamente em fendas, muito abaixo da marca de gelo, e ficar aí até que tenha passado o mau tempo.

Agora, o homem tinha uma hipótese de encurtar o intervalo entre ele e a pequena raposa.

Avançou muito devagar.

Mas, de repente, quando sentiu que estava a ganhar terreno sobre a raposa, a neve aprofundou-se. Chegava-lhe agora às virilhas — e no passo seguinte o homem ficou firmemente preso no seu próprio rasto.

Não conseguia avançar nem voltar atrás; não conseguia ver a mão em frente do rosto.

O nevão fustigava-o por todos os lados, por cima e por baixo.

À medida que a noite avançava a intempérie tornou-se mais agreste, o gelo a perfurar-lhe a roupa apesar da sua grossura, e ele ficou tão frio que teve de começar a tremer para se aquecer.

O homem decidiu que se ia deixar cobrir pela neve.

Moveu-se um pouco enquanto isso acontecia, de modo que a neve formasse um abrigo à prova de vento à sua volta.

Era de estatura mediana, entroncado e de peito volumoso. De feições grosseiras; a testa de uma altura razoável mas larga, o que dava ao rosto o seu carácter. Tinha olhos pequenos, azul aço, profundamente enfiados sob sobrançelas pesadas que se encontravam no centro, e um nariz grosso com uma cana alta. O formato do perfil e do queixo não se distinguiam entre a barba vermelho escura, com toques de prateado, que lhe chegava ao peito. Tinha cabelo encanecido, castanho terra. Um sinal de nascença, arredondado, empoleirava-se no cimo da narina esquerda.

Era assim o homem que se encontrava no monte de neve.

A noite era fria e do tipo mais longo.

O homem quebrou a sua concha de gelo.

Louvou a rainha das neves e o velho pai Inverno pelo abrigo que lhe tinham dado, naquele belo pedaço de terreno; da sua posição estratégica conseguia ver ampla e longinquamente sobre a imensidão branca e gelada.

Nesse momento, começou a beliscar-se e a apertar-se. Quando acabou de aquecer os músculos dos antebraços, tirou as luvas, pousou as mãos no parapeito de neve e içou-se para fora do seu trono.

Sim, era um cão com sorte.

Depois de pendurar a espingarda e o saco ao ombro, o homem não abrandou a passada até chegar às rochas planas de Lofaklopp, aqueles remanescentes da Idade do Gelo no cimo da montanha, onde a neve nunca pousava.

Ao chegar ali tirou o saco do ombro e descalçou as luvas, sapatos de pele e meias tricotadas, e pousou-as na rocha a seu lado para secarem.

Não, raios, ele tirou tudo aquilo que pudesse ter um ponto e ficou ali sentado como veio ao mundo: sem nada para além da própria pele.

Era um filho da Terra, filha do Sol.

As suas entranhas resmungaram e o homem descobriu que estava com fome; não comera nada desde que se empanurrara de peixe cozido antes de partir, mas isso fora há mais de vinte horas.

Verdade seja dita que desde essa altura comera um pouco de gelo, mas esse era um alimento insubstancial e sem interesse. Abriu o saco:

Fatias de cabrito grossas como uma mão; bolos de centeio com manteiga de ovelha, amargos como bÍlis e encimados por salsicha de carneiro; uma cabeça de bacalhau seco; morcela em salmoura; peixe seco; papas feitas de coalhada e um torrão de açúcar castanho.

Sim, tudo isto se encontrava dentro do seu saco desarrumado.

O sol aquece o corpo branco do homem e a neve, que derrete com um crepitar hesitante, pode bem ser o cântico de pássaros.

Ao meio-dia, os picos ainda estão brilhantes e há faixas azuis no céu. O homem relembra as inumeráveis horas gloriosas que passou nas montanhas desde que era rapaz. Nada se pode igualar à beleza daqueles dias — excepto o novo candelabro da igreja de Dalbotn.

Não! O homem estende-se ao comprido no chão: o que é que vislumbrou ali? Fora um rochedo?

Pega no binóculo mas não consegue ver nada. Neblina na lente. Limpa-a com a manga. O quê? Poderá ser aquilo que pensa ser? Desaparece, não, volta a aparecer:

Uma cabeça de raposa! Sim, a mais ténue das sombras de uma cabeça. Era a azul. Claro, ela deve estar ali de vigia já há algum tempo. Fecha o óculo.

A raposa solta um guincho de enregelar o sangue.

A terra naquelas paragens não possui quaisquer características; as vertentes estão viradas para leste com tufos rasteiros e ravinas baixas. O homem não tem qualquer hipótese de interceptar a raposa sem ser visto. Por isso, mantém-se imóvel no local para o qual se atirou quando a viu. A raposa saltou para cima de uma rocha e começou a uivar. Ficou ali sentada, o focinho virado para o céu de cada vez que emitia um som.

E assim a raposa tentou provocar o homem para o fazer mover. Provavelmente perdera-o de vista quando ele se lançara ao chão.

O homem está estendido ao comprido sobre a barriga. Conseguiu voltar-se para ficar virado para norte, a espingarda à sua frente, mas não se atrevera a mover porque não havia nenhuma elevação no solo entre ele e a raposa, nada que o escondesse dos olhos dela. Mais, a sua arma não estava carregada. Não a podia engatilhar sem alertar a pequena raposa.

Tinha de pensar rapidamente se não queria perder a raposa como acontecera no dia anterior — isso seria impensável.

O que é que podia fazer?

A raposa virou-se na rocha e parou, pronta a desaparecer. O homem rolou sobre as costas, braços e pernas a sacudirem-se no ar.

De seguida, o homem deu uma meia volta e pôs-se de gatas, erguendo a perna direita como um cão a urinar num arbusto.

Baliu ruidosamente.

Com truques semelhantes, o homem conseguiu atrasar a partida da raposa. Rastejou até ficar escondido e começou a pensar, enquanto ela esperava que surgissem mais prodígios.

O homem carregou a espingarda enfiando nela meia medida de pólvora, que seria necessária se pretendia atingir a raposa com o primeiro tiro. Meteu a mão no bolso e procurou um livro de hinos pequeno e coçado que ali guardava, arrancou-lhe uma folha, amarrotou-a entre os dedos e enfiou-a no cano. Agora a arma não iria gemer mesmo que a apontasse directamente contra a brisa rígida

Trabalhou depressa, humedecendo a mira da espingarda com saliva e friccionou ali um minúsculo pedaço de líquen. Este gelou no metal, ele ajeitou-o e apontou experimentalmente a espingarda; seria capaz de distinguir o líquen, por mais escuro que estivesse.

O homem endireitou-se e apontou a espingarda, inclinando-se para a frente sobre a perna esquerda, focando toda a sua atenção na rocha. Não, não se via a raposa em lado algum.

Esperou durante muito tempo antes de deixar a arma cair. Agora a raposa não lhe ia dar uma hipótese. A neve cobria o terreno até à base do glaciar, nem um pedaço de terra nu à vista; assim que partisse, a raposa iria escrever o conto das suas viagens na folha branca.

A apertar a espingarda entre as mãos, ele partiu.

Durante todo o dia a raposa correu encosta acima, vale abaixo, o homem a seguir-lhe firmemente o rasto.

Ela era a sua carta de comissão, dando-lhe uma tarefa a cumprir no mundo material.

Quando o homem emergiu sob o rochedo gigantesco que bloqueia o Asheimar, esteve prestes a perder a raposa.

Apenas a conseguiu detectar quando ela deu três voltas e deixou-se cair contra uma pedra, a esconder-se e a enrolar a cauda sobre o focinho.

O homem fez o mesmo.